

A RESISTÊNCIA DA LAVOURA CACAUEIRA NO VALE DO JEQUIRIÇÁ – BA ¹

Luciene Santos de Almeida, Carlos Ney Nascimento de Oliveira e
Presciliano Alves de Almeida²

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a analisar a resistência da cacauicultura no Vale do Jequiriçá-Ba e sua dinâmica desde 1972, período de difusão dessa cultura na área pela CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira), até o ano de 2000.

O Vale do Jequiriçá faz parte da região econômica Recôncavo Sul e compreende, hoje, quatro municípios: Mutuípe, Jequiriçá, Laje e Ubaíra. Essa região possui uma estrutura fundiária minifundista, na qual, em 1995, 79,20% das propriedades estavam situadas numa faixa de 10 hectares. (CAR, 1999).

O subespaço Vale do Jequiriçá possui uma ocupação recente se comparado ao Recôncavo Tradicional. Só a partir do século XIX e início do século XX o seu povoamento foi implementado, devido aos sucessivos desmembramentos da Vila de Valença. As rotas de gado contribuíram para adensar o povoamento, pois essa área situa-se próxima às fronteiras do Sul e Sudeste, sendo um importante elo de ligação com o Recôncavo Baiano.

A interiorização da lavoura fumageira também foi outro fator que impulsionou o povoamento, coexistindo sempre com as lavouras de subsistência. O café foi outra cultura que exerceu grande influência na área, perdendo expressão nos anos 30, com a crise internacional.

Em 1972, o Vale do Jequiriçá passou a cultivar a lavoura cacaueira, sendo difundida pela CEPLAC. Com condições edafoclimáticas adequadas para tal cultivo, essa área começou a produção.

Os solos da área são profundos, apesar da baixa fertilidade natural, as temperaturas médias da ordem de 23,4°C a 24,0°C e a pluviosidade média de 800 a 1400 mm ao ano. Sendo assim, o clima varia entre seco a subúmido e úmido a subúmido. É evidente que tais condições não podem ser comparadas às do Sul da Bahia, mas não representam um entrave para a cacauicultura local.

2. JUSTIFICATIVA

A importância deste trabalho está centrada no fato de não haver, até o momento, estudos específicos sobre a atividade cacaueira do Vale do Jequiriçá-Ba. Os trabalhos realizados sobre a cacauicultura baiana resumem-se à região Sul, não dando margem para uma análise sobre o comportamento dessa cultura em outra área. O trabalho então se justifica, pois é inovador e de fundamental importância para a área em questão.

A delimitação da área segue a definição da CAR (COMPANHIA de DESENVOLVIMENTO e AÇÃO REGIONAL). De acordo esse órgão, o Vale do Jequiriçá faz parte da região econômica Recôncavo Sul, que, por sua vez, foi dividida em subespaços. Para tal regionalização, a CAR observou os limites político-administrativos, a superfície territorial dos municípios e as características geoambientais.

3. METODOLOGIA

A partir do estabelecimento da escala de análise foram feitos levantamentos de dados em

¹ Pesquisa desenvolvida sob a orientação do Professor Mestre Pedro Torres Filho.

² Acadêmicos do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

órgãos competentes, como a CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira), o censo Agropecuário do IBGE e dados fornecidos pela SEAGRI (Secretaria de Agricultura, Reforma Agrária e Irrigação).

Nesses órgãos foram recolhidos dados referentes à produção cacaueira, área de plantio e produtividade (dados sócio-econômicos), estrutura fundiária, renda e mão-de-obra ocupada na lavoura. A periodicidade desses dados varia de acordo com as fontes: os dados da CEPLAC são referentes ao ano de 2000 e os do IBGE são referentes aos Censos de 1960 a 1996.

Foi realizada também pesquisa de campo despadronizada do tipo focalizada, com produtores estabelecidos em propriedades de até 30 hectares. Por fim, essas informações foram embasadas em pesquisa bibliográfica e relatórios técnicos e específicos sobre o tema.

4. RESULTADOS

Constatou-se que a produtividade da lavoura cacaueira do Vale do Jequiçá corresponde a 40 arrobas/hectare, enquanto o Sul baiano a produtividade é de 100 arrobas/hectare. Esse fato ocorre devido às condições edafoclimáticas, que são menos aptas para o cultivo do cacau.

Outro fator observado foi o caráter da mão-de-obra ocupada, que, na sua grande maioria, é familiar. Essa característica possibilitou um maior cuidado com a lavoura, pois com o aparecimento da Vassoura-de-bruxa, o controle fitossanitário precisou ser intensificado.

A atividade cacaueira da área está associada à policultura de subsistência e à pecuária bovina.

Sendo assim, é evidente que a denominação regional de Região Cacaueira não pode ser atribuída ao Vale do Jequiçá, como ocorreu com a zona produtora tradicional. No entanto, o cultivo do cacau, assentado em pequenas propriedades, teve oscilações baixas diante das crises, como mostra a Tabela 01.

Tabela 01 – Área Plantada com a Lavoura Cacaueira

Municípios	Área Plantada				
	1992	1993	1994	1995	1996
Jequiçá	2.785	3.133	3.138	2.988	2.914
Laje	3.176	2.595	2.605	2.498	2.498
Mutuípe	4.706	2.169	2.189	2.160	1.985
Ubaíra	3.681	3.681	2.000	2.848	2.848

Fonte: IBGE Produção Agrícola Municipal - PAM 1992/1996.

Essa produção, juntamente com as outras atividades econômicas, é responsável por empregar uma população que cresceu em taxas anuais 2,20% a.a. em 1991/1996. Uma taxa superior à taxa do conjunto da região econômica Recôncavo Sul.

A cacauicultura ocupava até o ano de 2000, 15.910 hectare de toda área do vale do Jequiçá, com uma produção de 4.624 toneladas por ano. Essa lavoura ocupa a posição de principal produto em importância econômica para a área.

Ao contrário do que aconteceu com a cacauicultura do sul baiano, a cultura cacaueira do Vale do Jequiçá resistiu às crises desde a sua introdução na área, até os dias atuais.

Apesar do precário nível tecnológico da região, a atividade cacaueira não representa um entrave para os pequenos produtores. Pelo contrário, dinamiza a economia local, tornando viável a manutenção da população no campo.

A falta de uma organização político-intitucional, capaz de modernizar o complexo agroindustrial cacaueiro, levou os produtores a suportar problemas estruturais, como elementos tecnológicos e de créditos. Mesmo assim, os pequenos produtores conseguiram manter-se como cacauicultores, porque não estavam atrelados a um sistema monocultor.

5. REFERÊNCIAS

BAIARDI, A. **Subordinação do Trabalho ao capital na lavoura cacauzeira da Bahia**. São Paulo-Salvador: Ed. Hucitec, 1984.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL-CAR (BA). **Recôncavo Sul: Perfil Regional**. Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável - PDRS: Salvador, 1999. Ilustr. (Série Cadernos CAR, 25).

COUTO, Vitor de Atayde. O Território do Cacau no contexto da mundialização. Bahia Análise e Dados: Salvador. v. 9, 4, março 2000.

GASPARETTO, Agenor. **Cacau, mitos e outras coisas mais**. Itabuna, BA: 2001.

MAZZALI, Leonel. **O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização “em rede”**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000 (Coleção Prismas/PROPP).

NASCIMENTO, Fernando Rios do (coord.). **A crise da lavoura cacauzeira: sua natureza e soluções** Uma análise das possibilidades do cacau. Brasília: IPEA, 1994.

SECRETARIA DE AGRICULTURA, IRRIGAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Bahia: Cenários de uma agricultura**. Salvador: SPS/SEAGRI, 2001.

SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.